

O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO E A DEFINIÇÃO CLÁSSICA DE VERDADE

Francisco de Paula Souza

I – INTRODUÇÃO

Os descaminhos por onde se aventurou a reflexão filosófica nas trilhas do anti-realismo do pensamento moderno (1) revelaram ao estudioso dos problemas humanos as incongruências em que se embaraça a filosofia quando o pensamento perde contacto com o ser na sua realidade objetiva e extramental.

Desmoronados os grandes sistemas do passado que pretendiam enclausurar o ser dentro das fronteiras da razão raciocinante, compreendeu o homem, na humildade de um pensamento que anseia simplesmente pelo ser, despido dos ouropéis das imponentes e estéreis construções sistemáticas e abstratas da razão, que o problema essencial, representado pela questão fundamental em torno do ser do homem, fora profundamente mistificado e esquecido. Tal mistificação e esquecimento têm a sua origem histórica, como vimos, (2) na perda da noção clássica de experiência como percepção imediata do real concreto, perda essa que determinou a mentalidade subjetivista, responsável pelo imanentismo do pensamento moderno.

(1) Cfr. Francisco de Paula Souza, "O Homem e a Verdade", in Reflexão, Rev. do Inst. de Filosofia e Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol. 1, nº 1, set. 1 975, pág. 59.

(2) Idem, ibidem, pág. 65 e seg.

Na perspectiva imanentista moderna, o espírito não conhece as coisas imediatamente, mas apenas as conhece através da mediação das idéias (Locke). Suprime-se o problema da correspondência entre idéias e coisas, porquanto não existem coisas, mas apenas impressões subjetivas, e o ser de uma coisa se reduz exclusivamente ao seu **aparecer** na consciência (Hume). A realidade fenomênica, isto é, o mundo, não passa de um conjunto de representações unificadas pela autoconsciência transcendental (Kant). E, ao final, consuma-se, definitivamente, o imanentismo, com o idealismo transcendental em que o sujeito assume as características de criador da realidade, tornando-se esta, na sua totalidade, imanente ao pensamento que se propõe como razão que fundamenta a verdade (Hegel).

Assim, a razão absoluta assume a dignidade vazia e ilusória de árbitra incontestada da verdade e, no arbitrarismo de suas posições, ascende à liberdade pura, possível apenas a quem nada pretende de determinado e se dilui na mera possibilidade indefinida, situada no mundo da fantasia, em que tudo é possível e impossível e a verdade se transforma no sonho.

É evidente que nessa perspectiva em que a razão funda a verdade e não, vice-versa, a verdade funda a razão, em que o mundo, na sua realidade transcendente e concreta, desaparece, em que o pensamento devora o ser sem deixar resíduos, não é mais possível conceituarmos a verdade como equacionamento entre o pensamento e a realidade extramental. E a razão que pretende assumir as proporções do Absoluto e afirma, perante tudo, a sua autonomia e auto-suficiência, descamba, na sua ânsia de invadir, absorver e racionalizar totalmente o real, para o mais absoluto irracionalismo. A pretensão de expandir-se e ultrapassar-se, superando as fronteiras de sua própria realidade, para afirmar-se como absoluta e auto-suficiente, representa para a razão e desconhecimento e o abandono de sua própria verdade para deixar-se tragar pelo abismo do irracional e perder-se nas regiões insondáveis do mito. Aliás, Nietzsche, sequioso por uma verdade plena e absoluta mas, ao mesmo tempo, expressão trágica da consciência contemporânea sem Deus e sem verdade, traduz, com o mito do super-homem, as ânsias de um humanismo estruturado sobre o vazio e inconsistência da razão auto-suficiente, testemunhando, com impiedosa coerência, que, nesse humanismo em que todos os arbitrarismos se justificam perante a auto-suficiência da razão, a morte de Deus e da verdade e se conquista ao preço da morte do próprio homem, pelo definhamento dos valores que sustentam a sua realidade antropológica.

Empenhado em restaurar esses valores, na ânsia de garantir a própria sobrevivência, após as experiências trágicas do delírio da razão presa nas malhas do imanentismo absoluto em que a aprisionou o pensamento moderno, o homem contemporâneo busca estabelecer novo contacto com o ser, na sua realidade extramental, respeitando-lhe a autonomia e a irredutibilidade perante os esquemas da razão racionante.

Esse contacto, entretanto, a nosso ver, não se realiza plenamente, não obstante o ardor, por vezes polêmico, do empenho inicial. De fato, a especulação contemporânea, ao se opor à mistificação do Espírito absoluto e meta-histórico de Hegel para buscar o ser do homem, na sua historicidade temporal, no âmbito de uma exigência profunda de realização de "uma experiência ontológica global", na perspectiva de um "realismo antropológico", alimenta uma orientação não apenas decididamente antimetafísica mas, ainda, francamente fenomenista, nominalista e historicista.

A filosofia contemporânea, porém, não obstante as incontestáveis limitações que reduzem as proporções dos êxitos alcançados na tentativa de superar a mais profunda crise com que, talvez, teve de se defrontar a especulação do homem ao se questionar em torno da própria estrutura do espírito humano na sua "possibilidade radical" de abertura para o ser, manifesta, de forma insofismável, um claro sentido de objetividade, uma tendência indisfarçável para uma posição de realismo imediato, na esperança de que, no encontro com o ser, possa o homem garantir a solidez dos valores impescindíveis à sua sobrevivência e salvação.

Na medida em que a filosofia contemporânea realizar o seu contacto com o ser na sua realidade objetiva e extramental, superando o imanentismo do pensamento moderno, poderá o homem de hoje satisfazer a sua ânsia por uma verdade sempre mais plena, sólida e consistente porque ancorada no ser e não apenas nas elucubrações arbitrarias e fantásticas da razão. Estabelecer-se-ão, assim, as coordenadas teóricas que delimitarão o ambiente especulativo em cujo interior, à luz de uma autêntica fenomenologia gnoseológica, será possível justificar o retorno à formulação clássica de verdade como equacionamento entre a razão e a realidade.

II – O REALISMO IMEDIATO NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

1 – A Fenomenologia

A primeira etapa nesse processo em que a razão busca reatar o seu contacto com a realidade extramental e objetiva é representada, na filosofia contemporânea, pela fenomenologia, através de seus mais ilustres representantes.

A tentativa de romper o círculo fechado dos sistemas imanentistas para permitir ao homem, de maneira livre e desenvolvida, a expressão plena de sua realidade de homem como o ser que interroga sobre o ser, na ânsia de obedecer às exigências profundas de uma vocação radicada na espiritualidade de sua própria realidade antropológica, se esboça, de forma significativa, através da doutrina da intencionalidade de Franz Brentano.

Os fenômenos psíquicos, segundo Brentano (3), possuem a propriedade de se referirem necessariamente a um objeto que os qualifica intrinsecamente. O ato originário da consciência é: sinto **alguma coisa**, imagino **alguma coisa**, penso **alguma coisa**... Todo ato de consciência é, portanto, "consciência de um objeto", quer se trate de um ato pertencente à esfera cognoscitiva, quer se trate de um ato integrado à consciência afetiva, nas suas múltiplas atitudes emocionais.

Prescindindo das inúmeras complementações e dos aprofundamentos que enriqueceram a doutrina da intencionalidade de Brentano, através das contribuições de C. Stumpf, M. Scheller, E. Husserl, N. Hartmann e muitos outros, é importante ressaltar que o caminho traçado pela fenomenologia com a doutrina da intencionalidade, constituíra, pelo menos inicialmente, sendo segura para o encontro com o ser na sua realidade extra-subjetiva, irredutível ao pensamento, garantia da possibilidade do próprio pensamento e do ser da consciência.

Se a ambição da fenomenologia era, segundo E. Husserl (4), constituir-se como "ciência rigorosa" (strenge Wissenschaft), "ir diretamente às próprias coisas" (zu den Sachen selbst), independentemente de qualquer interpretação sistemática, na admissão prévia, conforme doutrinava N. Hartmann, de que o conhecimento não é produção (Erzeugen) do objeto por parte do sujeito mas, apenas, apreensão do objeto realizada pelo sujeito, então, impunha-se também o reconhecimento da realidade extramental do mundo (Welt), com a conseqüente posição do problema do ser e, por conseguinte, com a identificação da metafísica como a única ciência capaz de oferecer à filosofia a sua radical e plena fundamentação.

Entretanto, a fenomenologia que, através da doutrina da intencionalidade, dispunha, num evidente retorno às posições aristotélico-tomistas, de condições ideais para superar o imanentismo do pensamento moderno e alcançar o ser na plenitude de sua realidade extra-subjetiva para nele ancorar

(3) F. Brentano, *Psychologie vom empirischem Standpunkt*, Leipzig, 1924 – 1928, pág. 111 e seg.

(4) E. Husserl, *Logische Untersuchungen*, 1928, I, §§ 17 – 51.

definitivamente a verdade, não consegue desvencilhar-se totalmente das amarras anti-realistas que a distanciam da realidade extramental.

Já o próprio Brentano não ousava desprender-se totalmente do fenomenismo que ele pretendia criticar, porquanto, na sua maneira de pensar, somente os atos psíquicos são percebidos com evidência imediata, exclusivamente deles se pode rigorosamente afirmar que são "percebidos". O imediatismo gnoseológico de Brentano, que poderia representar uma abertura para o ser, se deixa, assim, aprisionar dentro dos limites da consciência, reservado apenas à realidade do ato psíquico como tal. Conseqüentemente, Brentano rejeita a definição escolástica da verdade como "adaequatio intellectus ad rem", cuja aplicação se restringe apenas aos juízos existenciais e se despoja de qualquer valor no âmbito das ciências formais, como a matemática, e dos juízos negativos.

Outra não foi a sorte da intencionalidade ao ser manipulada por E. Husserl, o mais ilustre discípulo de Brentano.

Destinada a realizar as condições para o encontro com o ser e desabrochar na inevitabilidade da exigência metafísica, estabelecendo o ambiente para a epifania do ser tanto do homem como do mundo, na sua realidade objetiva e extramental, a intencionalidade, ao ser tratada por Husserl, permite se esterilizem as promessas de realismo imediato de que inicialmente era portadora, porquanto o célebre filósofo também não consegue superar o subjetivismo moderno e descamba para o idealismo. Para Husserl, de fato, a essência ou a "coisa mesma" (Sache selbst) não é o existente (Seiende) como em si mesmo se apresenta, mas é o existente enquanto se oferece essencialmente como "objeto" (Gegenstand), ou seja, como existente para nós. O existente coincide com o "fenômeno" (Phanomen), isto é, existe apenas enquanto aparece. Na opinião de Husserl, uma coisa, subtraída fundamentalmente ao seu aparecer no interior da consciência, reduzir-se-ia a um vazio contra-senso (ein leere Unbegriff), porquanto "aquilo que não pode apresentar-se como fenômeno, não pode existir".

Assim, nem mesmo na fenomenologia das essências de E. Husserl, se estabelece a perspectiva de autêntico realismo, imprescindível para que se possa conceituar a verdade, na sua formulação clássica, como equacionamento entre o pensar e o ser, porquanto o ser ainda enclausurado dentro das fronteiras da consciência que o absorve totalmente, tornando-se árbitra de uma "verdade" que não implica a responsabilidade do pensar perante o ser que, em si mesmo, não existe e, portanto, não pode fundamentar aquele equacionamento.

2 – O NEOPOSITIVISMO

A tendência realista do pensamento contemporâneo, nascida fundamentalmente da imperiosa necessidade de se erguer barreiras contra a mistificação do real decorrente dos sistemas idealistas, se avoluma através do neopositivismo que se propõe, muito mais como orientação metodológica do que como Escola, a tarefa da clarificação dos problemas da ciência. Seu objetivo programático consiste na elaboração de uma metodologia da ciência, visando proporcionar às ciências uma fundamentação segura e, ao mesmo tempo, demonstrar, mediante a análise lógica dos conceitos e das proposições, a falta de significado de toda e qualquer filosofia e metafísica.

Na perspectiva neopositivista, o problema da verdade deve propor-se no interior de uma atitude de espontaneidade e desprevenida candura do homem perante o mundo em que ele está presente e que pretende exprimir tal qual esse mundo em si mesmo é, sem que nessa expressão da realidade do mundo interfiram posições decorrentes das estéreis polêmicas entre realismo e idealismo, e sem que elementos abstratos possam prejudicar esse contacto com o real. O único verdadeiro mundo é o mundo da experiência (E. March) (5). A determinação da verdade da experiência, entretanto, é tarefa confiada à análise da linguagem. Por isso, Wittgenstein (6) se propôs estabelecer uma teoria do "simbolismo" da linguagem, buscando investigar as condições para uma linguagem perfeita do ponto de vista da lógica. Assim, consideram-se significativas (sinnvoll) as proposições fundamentadas na experiência, enquanto destituídas de qualquer sentido as proposições que transcendem a experiência, como as da filosofia pura ou metafísica, embora não se possa dizer delas que sejam falsas ou contraditórias. Precisando ainda o sentido da experiência, M. Schlick (7) distingue entre experiência vivida (Erlebnis), que condiciona a intuição e pertence à esfera do Kennen (simples ato de apreender), e a experiência das relações (Beziehungen) entre os conteúdos captados pela intuição e que constituem o objeto do "conhecimento reflexo" (Erkennen). Por isso, já que a aspiração de toda metafísica se efetiva através da intuição do transcendente, já que a intuição é experiência vivida, já que o conteúdo de uma experiência vivida é naturalmente um conteúdo de consciência que, por definição, é algo de

(5) Cfr. Die Analyse der Empfindungen, IV Aufl., Jena, 1 903.

(6) Cfr. Tractatus Logico-Philosophicus, London, 1 922.

Philosophical Investigations, Oxford, 1 953.

(7) Cfr. Allgemeine Erkenntnislehre, II Aufl., Berlin, 1 925.

imane a à própria consciência. Conseqüentemente, o conhecimento intuitivo do transcendente, aspiração da metafísica, é "algo vazio de sentido" (Nonsens), um amontoado de termos contraditórios. De outro lado, a realidade transcendente, precisamente porque transcendente, não é uma realidade vivida e, por conseguinte, não se pode constituir em objeto de intuição, capaz de satisfazer às aspirações da metafísica. "Toda ontologia, portanto, se reduz a um palavreado ocioso" e a tendência da metafísica para a efetivação de experiências vividas pode encontrar a sua realização na poesia, na arte e na própria vida, mas não no âmbito do conhecimento verdadeiramente científico. Este, o conhecimento reflexo e científico (Erkennen) é um conhecimento meramente formal, cujo objeto não são os conteúdos dessa experiência. Por isso, "todo conhecimento é sempre um ordenar, jamais um intuir e experimentar as coisas". Apenas as relações formais que se estabelecem entre os conteúdos da experiência vivida são acessíveis ao conhecimento, ao juízo, no sentido lógico e puro do termo, e todas as nossas asserções, desde as da vida cotidiana mais comum até as mais complexas da ciência, traduzem apenas relações formais do mundo, independentemente do conteúdo qualitativo das experiências.

Limitados em nossa pesquisa à constatação da tendência realista implícita na orientação do neopositivismo, prescindindo de outras inúmeras e preciosas contribuições com que, a partir da fundação do Wiener Kreis, em 1928, esse movimento enriqueceu o estudo da complexa problemática proposta pela ciência moderna, cumpre-nos reconhecer a presença constante, na orientação neopositivista, de uma fundamental e decidida tendência para uma posição de realismo imediato, coincidente, não raro, com a perspectiva tradicional da filosofia aristotélico-tomista e capaz de conduzir o pensamento contemporâneo à superação do imanentismo com que os grandes sistemas idealistas pretenderam impedir o encontro entre o pensamento e o ser na sua realidade objetiva e extramental.

Essa tendência realista latente na orientação neopositivista se concretiza, como vimos, na preocupação de oferecer à ciência uma fundamentação segura, apoiando-a solidamente na experiência, visando a colocar a ciência em condições de exprimir o real tal qual ele se apresenta na experiência, desembaraçado das abstrações dos sistemas, objeto das ciências experimentais que constituem a esfera-tipo do conhecimento significativo, ao mesmo tempo em que a filosofia pura ou metafísica se esvazia de todo e qualquer significado. Expressão desse realismo é a proposição 222 do Tractatus Logico-Philosophicus de L. Wittgenstein a qual sustenta que a "verdade ou falsidade da imagem (Bild) consiste no acordo ou desacordo do seu sentido com a

realidade" em que, na mesma perspectiva do realismo tradicional, a verdade é entendida fundamentalmente como equacionamento.

Entretanto, a supervalorização da experiência como condição prévia para que o sujeito possa alcançar o ser na sua realidade extra-subjetiva, visando oferecer à ciência sólida fundamentação, impedindo-a de se diluir no palavreado vazio e esterilizante da metafísica, a ponto de restringir o significado da linguagem à sua capacidade pura de refletir a experiência, termina por conduzir fatalmente o neopositivismo para uma forma de "solipsismo lingüístico" que corrompe e consome a riqueza das promessas iniciais. De fato, a experiência individual, única possível, se realiza e conclui dentro das fronteiras da singularidade do indivíduo, a ponto de que não se justifique, por não ter sentido, qualquer referência a experiências alheias, capaz de sustentar o intercâmbio das experiências entre os sujeitos, no processo de comunicação humana, porquanto, para isso, é imprescindível ultrapassar o nível da própria experiência.

Os neopositivistas tiveram consciência da dificuldade e, na tentativa de superá-la, exasperaram, ao extremo, o formalismo da linguagem, terminando por sustentar, como vimos, que apenas as relações formais entre os conteúdos da experiência são acessíveis ao conhecimento que se distancia da realidade, dos fatos e, até mesmo, da própria experiência. O critério de verdade das proposições que integram um sistema se desarticula de qualquer referência à realidade empírica e se estrutura, exclusivamente, sobre a coerência e a não contradição que estabelecem no contexto em que são inseridas.

É, assim, evidente, mais uma vez, que o pensamento contemporâneo, através do neopositivismo, não consegue ultrapassar as barreiras impostas pelo imanentismo do pensamento moderno, regredindo, com o formalismo nominalista de suas posturas gnoseológicas, para o anti-realismo do qual, inicialmente, pretendia desvencilhar. Além disso, a concepção neopositivista de verdade, fundamentada exclusivamente no critério da coerência formal e da não contraditoriedade interna das proposições constitutivas de um sistema, não elimina, no concatenar-se frio e férreo das construções lógicas, os riscos do arbítrio da razão raciocinante, perante o qual o verdadeiro e o falso se identificam, o erro desaparece e o homem, cujo pensar, distanciado da realidade, não mais se equaciona com o ser, se depara com a ameaça do desmoronamento de todos os valores imprescindíveis à sustentação de sua própria realidade antropológica. Num contexto em que o falso, nascido do arbítrio, corrompe e destrói a verdade, tudo pode desmoronar.

3 – O MARXISMO

A fecundidade e o dinamismo da posição hegeliana que representa o clímax da perspectiva imanentista e anti-realista do pensamento moderno, animam profundamente também a especulação de Marx (8) que condena precisamente a mistificação do real de que é responsável o abstratismo da filosofia de Hegel que dilui o ser nas abstrações do sistema e reduz as formas da objetividade a momentos abstratos do evoluir do pensamento puro. Para Marx, o homem é homem apenas enquanto inserido na natureza, munido de suas forças corpóreas, plantado sobre a terra firme, operando sobre objetos, produzindo objetos, exatamente na base dessa sua inserção na natureza, onde ele efetivamente reside, numa antecipação, por parte de Marx, do "In-der-Welt-sein" de Heidegger.

A consideração da natureza corpórea do homem conduz Marx, na linha do pensamento aristotélico-tomista, a concluir que o pensamento humano só pode ter como objeto realidades sensíveis, sobre as quais exclusivamente pode também exercer sua atividade, porquanto toda a vida do homem só pode exteriorizar-se no contacto com objetos reais e sensíveis. Por conseguinte, o homem existe na medida em que ele estabelece relações com a natureza, exatamente porque ele é, por essência, um ser "natural". Aqui o princípio da intencionalidade, de que parte com Brentano a fenomenologia contemporânea, assume com Marx uma formulação ontológica bem mais profunda e abrangente.

A análise da fome (Hunger) ilustra, com extraordinária clareza, o realismo do pensamento de Marx, evidenciando o caráter de intencionalidade próprio desse estímulo. A fome é uma necessidade objetiva do corpo humano, orientada para um corpo a ele exterior, para um objeto extrínseco indispensável à sua satisfação. Em termos gerais, portanto, um ser que não se relacione com um objeto existente fora de si, não tem, por sua vez, nenhuma realidade objetiva, não passa de pura "irrealidade" (Unwesen), simples abstração. A própria "realidade humana" resulta da práxis humana na qual o homem deve demonstrar a verdade.

A preocupação constante de Marx em substituir o abstrato pelo concreto, com o objetivo de superar o abstratismo de Hegel que mistifica o

(8) Cfr. *Der historische Materialismus, Die Fruehschriften*, ed. S. Landshut u.J. P. Mayer, Leipzig, 1932.

objeto, deixa transparecer, de forma inequívoca, a tendência realista de seu pensamento.

Resta-nos, entretanto, averiguar se esse realismo consegue efetivar-se, de maneira plena, a ponto de alcançar, na filosofia de Marx, pleno contacto com o ser, na sua realidade objetiva e extramental, capaz de justificar as críticas à filosofia de Hegel e fertilizar, ao mesmo tempo, o terreno onde possa germinar a verdade nos moldes da concepção clássica.

Tanto Marx, como, antes dele, Feuerbach, entretanto urgiram o "realismo sensível" em cuja perspectiva se colocaram na intenção de se oporem ao abstratismo da filosofia de Hegel e, por isso mesmo, reconhecendo que os conceitos são reflexos das coisas, não conseguiram perceber a emergência do conceito sobre a realidade sensível de que partiram. Se a elaboração do conceito se processa a partir da realidade concreta do mundo sensível que o conceito reproduz e mantém como seu conteúdo, em nível de abstração, a realidade do conceito não se esgota no imediatismo puramente contingente, circunstancial e individualizado do conhecimento empírico, como supõem todos os materialismos, mas, alcançando o plano de abstração, se enriquece da universalidade necessária para superar as limitações do conhecimento meramente sensível.

A esse realismo sensível, de onde partem Feuerbach e Marx, no interior de sua perspectiva materialista, o ser, na sua dimensão verdadeiramente ontológica, se esquiva, oferecendo apenas ao sujeito que o busca a dimensão meramente fenomênica do seu aparecer.

Impossível se torna, portanto, fundamentar qualquer filosofia sobre a verdade de um ser que se esconde por trás do seu aparecer, única dimensão captável através do realismo sensível da especulação marxista. Por isso, a própria expressão "materialismo dialético" traduz uma monstruosidade terminológica capaz de amendrontar qualquer filosofia e representa o atestado de que, no interior do marxismo, a filosofia sempre esteve morta.

O recurso à "mediação" da "luta de classe" e da revolução proletária, no sentido de alcançar uma expressão mais abrangente do ser do homem, não se justifica nos termos do realismo imediato da perspectiva materialista do marxismo, porquanto a luta e a revolução não se propõem apenas em nome de uma moral da "simpatia" e do instinto mas representam, fundamentalmente, a busca de satisfação para um dos mais altos anseios do espírito, a justiça, que apenas pode surgir no interior de uma perspectiva ontológica global que alcance todas as dimensões da realidade e que, portanto, fatalmente irá esvaziar a "luta de classe" do seu conteúdo de ódio e de violência para dimensioná-la

num sentido vasto de promoção humana fundamentado na compreensão e no amor.

O “realismo imediato” de Feuerbach e Marx, se representa indubitavelmente uma tentativa de superar o abstratismo da filosofia de Hegel, não consegue, entretanto, alcançar o ser real e transcendente na plenitude de suas dimensões ontológicas, limitando-se a colher da realidade, em base ao sensismo dogmaticamente assumido, apenas a sua dimensão material e sensível. É esse um realismo que, uma última análise, não logra ultrapassar efetivamente o anti-realismo do pensamento moderno, em primeiro lugar, pelo dogmatismo com que é assumido, sendo que todo dogmatismo não passa de uma concessão feita ao arbítrio da razão despreocupada com a realidade e, em segundo lugar, porque incapaz de atingir o ser na sua integridade ontológica. Não se estabelece, assim, mesmo por parte do marxismo, o clima de autêntico realismo imprescindível para que se possa conceber a verdade como equacionamento entre o pensamento e o ser.

4 – O EXISTENCIALISMO

O existencialismo, através de seus mais ilustres representantes, constitui a mais recente expressão, ao longo de uma trajetória especulativa extremamente rica de contribuições e promessas, da caminhada do pensamento contemporâneo em busca do estabelecimento de um contacto pleno, definitivo, seguro e repousante com o ser, superando a subordinação do mundo à consciência, do ser ao pensamento, da realidade e do mundo à subjetividade transcendental, proposta pelo subjetivismo moderno.

É inquestionável o caráter de prioridade e fundamento que o existencialismo atribui ao ser em relação à consciência, a ponto de colocar a consciência à disposição do ser, invertendo a perspectiva tradicional do pensamento moderno. Afirmando que “o ser não é produto do pensamento mas, ao contrário, que o pensamento essencial é que é um produto do ser” (9), Heidegger sustenta que o sentido de nossa caminhada não é do pensamento ou da consciência para o ser, mas do ser para o pensamento e para a consciência, invertendo a direção da intencionalidade fenomenológica, ao mostrar que toda consciência pressupõe a existência concebida de modo estático como essência do homem e, portanto, encarando a consciência como princípio receptor e não produtor no processo da intencionalidade.

(9) Cfr. M. Heidegger, Was ist Metaphysik, Nachwort, pág. 43.

Na perspectiva existencialista, entretanto, o ser se apresenta como algo destituído de autêntica fundamentação, cujo sentido permanece ambíguo envolto nas malhas de uma ontologia que se recusa, por princípio, à “posição absoluta do ser” e, portanto, a ascender ao plano da metafísica. Com isso, o existencialismo abandona o ser “suspenso” no vazio de uma presença pura, a repetir-se infinitamente, no interior de uma visão historicista que enclausura o ser dentro das fronteiras angustas da temporalidade, sem dar razão de sua presença e do seu inexaurível diferenciar-se.

Mesmo o existencialismo não logra, por conseguinte, proporcionar ao pensamento contemporâneo uma visão adequada do ser, na integridade de sua realidade ontológica, visão capaz de condicionar, numa perspectiva idêntica ao realismo moderado da filosofia aristotélico-tomista, um encontro efetivo com o ser na sua realidade objetiva e transcendente, através do qual possa o homem de hoje preencher o vazio de ser a que, na expressão de Heidegger, se abandonou.

Se a filosofia ocidental se restringiu, no entender de Heidegger, apenas a uma verdade ôntica, sem alcançar a verdade ontológica e última, explicando o ser através da essência (*Wesensphilosophie*) e, despreocupada com o ser que é ato, terminando por se perder no “esquecimento do ser” (*Vergessenheit des Seins*), mesmo o existencialismo de Heidegger, que atribui à filosofia, especificamente, a solução do problema da verdade do ser, não alcança em plenitude esse seu objetivo.

A concepção heideggeriana da “essência da verdade” (10) como o manifestar-se na realidade da “presença” do ser, propõe uma verdade que, a nosso ver, é apenas a “verdade fundamental”, base, ponto de partida para o equacionamento entre o espírito e a realidade pressuposto pela concepção de verdade na sua formulação clássica. Não é a verdade em seu sentido pleno, porquanto o ser como “presença do presente” que na sua não ocultação (*Unverborgenheit*) revela a sua verdade, é, por sua vez, um ser cuja presença necessita de fundamentação e que, portanto, não tem condições de propor uma verdade plena e definitiva.

As limitações da concepção heideggeriana de verdade decorrem fundamentalmente — como procuraremos demonstrar em outra oportunidade — do seu enclausurar-se no interior de uma ontologia que não lhe permite buscar as fundamentações últimas e definitivas da “presença” de ser nos páramos da metafísica.

(10) Cfr. M. Heidegger, *Vom Wesen der Wahrheit*, Frankfurt, 1949.